

## SARAMAGO NAS SALAS DE AULA DO ENSINO BÁSICO

Janyelegadelha de Lima<sup>1</sup>

### Resumo

O presente trabalho tem como foco propor a inserção da literatura produzida pelo escritor português José de Sousa Saramago nas salas de aula da educação básica, uma vez que muito se percebe o receio dos alunos ao se depararem tardiamente com obras consideradas por eles como difíceis. Pensando em uma proposta contínua para as três etapas do Ensino Básico, podemos traçar um caminho pela obra literária de Saramago criando laços afetivos entre autor e leitor, partindo do Ensino Fundamental I, com o livro *A maior flor do mundo* (2001), seguindo pelo Ensino Fundamental II, trazendo *O conto da ilha desconhecida* (1997) e chegando ao Ensino Médio trabalhando o *Ensaio sobre a lucidez* (2004). Além disso, o objetivo é também apresentar atividades que relacionem o ato de ler com o ato de escrever, colocando dessa forma o aluno no centro do processo de ensino e aprendizagem, como o protagonista das aulas. Ademais, há a possibilidade de um trabalho interdisciplinar, isto é, criar pontes entre os livros discutidos com outras disciplinas que os estudantes estejam em contato, como a Geografia, História, entre outras, pois, assim, possibilita-se de forma mais acessível ao aluno alcançar níveis mais elevados naquilo que Bloom (1972, 1976) definiu como domínio afetivo e domínio cognitivo, uma vez partindo das taxonomias propostas por ele para que o professor consiga elaborar e executar uma aula que permita a seus alunos chegarem ao topo da pirâmide de conhecimentos adquiridos em determinado conteúdo.

**Palavras-chave:** Saramago, Ensino básico, Domínio cognitivo, Domínio afetivo, Interdisciplinaridade.

## SARAMAGO EN LAS SALAS DE CLASE DE LA ENSEÑANZA BÁSICA

### Abstract

Este trabajo se centra en proponer la inserción de la literatura producida por el escritor portugués José de Sousa Saramago en las aulas de educación básica, ya que siempre se da cuenta el miedo de los estudiantes cuando se enfrentan, muy tarde, con obras consideradas por ellos como difícil. En el caso de la enseñanza primaria, podemos trazar un camino por la obra literaria de Saramago creando lazos afectivos entre autor y lector, partiendo de la Enseñanza Fundamental I, con el libro *A maior flor do mundo* (2001) (1997), seguido por *O conto da ilha desconhecida* (1997) em la enseñanza secundaria y llegando a la Enseñanza Media trabajando el *Ensaio sobre a Lucidez* (2004). Además, el objetivo es también presentar actividades que relacionen el acto de leer con el acto de escribir, colocando de esa forma al alumno en el centro del proceso de enseñanza y aprendizaje, como el protagonista de las clases. También existe la posibilidad de un trabajo interdisciplinario, es decir, crear puentes entre los libros discutidos con otras disciplinas que los estudiantes estén en contacto, como la Geografía, Historia, entre otras, pues, así, se posibilita de forma más accesible al alumno alcanzar niveles más elevados en lo que Bloom (1972, 1976) definió como dominio afectivo y dominio cognitivo, una vez partiendo de las taxonomías propuestas por él para que el profesor consiga elaborar y ejecutar una clase que permita a sus alumnos llegar a la cima de la pirámide de conocimientos adquiridos en un determinado contenido.

**Palabras clave:** Saramago, Enseñanza básica, Dominio cognitivo, Dominio afectivo, Interdisciplinariedad.

---

<sup>1</sup> Mestranda vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Email: janyeleg@gmail.com

## 1 – Introdução

O escritor português José de Sousa Saramago (Azinhaga, Golegã, 16 de novembro de 1922 – Tías, Lanzarote, 18 de junho de 2010) é um dos mais reconhecidos no cenário da literatura portuguesa, sendo, inclusive, o único ganhador do prêmio Nobel de Literatura em Língua Portuguesa, em 1998. Sua vasta produção literária abrange romances, contos, crônicas, ensaios, poesias, diários, memórias, dramaturgia, literatura de viagens, jornalismo e literatura infantojuvenil. Tudo isso contribuiu em larga escala para a grande quantidade de prêmios que recebeu, além de Doutoramentos *Honoris Causa*, entre outras inúmeras distinções ao redor do mundo.

Saramago ganhou espaço no cenário literário após a publicação do romance *Levantado do chão* (1980), e a partir de então seu nome figurou entre os mais representativos da literatura portuguesa e mundial. À medida que sua produção vai amadurecendo, Saramago traz para seus textos aquilo que viria a ser sua maior particularidade: o estilo de escrita saramaguiano, que vai, aos poucos, sendo gestacionado em sua obra. Escrita essa que carrega consigo as marcas de oralidade, uma vez que a pontuação é engolida em detrimento do fluxo da narrativa e dos pensamentos dos personagens ou do narrador. Parágrafos longos, ausência de pontuação e de marcas de introduções de diálogos, são algumas das particularidades da escrita saramaguiana, que juntamente com o conteúdo repleto discussões de teor social e de crítica a uma sociedade alienada politicamente, tornaram Saramago esse escritor tão singular.

Diante disso, notamos a importância desse escritor português tanto para a literatura mundial, como, principalmente, para nossa literatura brasileira, uma vez que não podemos negar a imbricação que por tanto tempo entrelaçou esses dois países. Relação essa comprovada, inclusive, pela obrigatoriedade de se trabalhar com a literatura lusófona na educação básica brasileira. Dessa forma, levar Saramago para a sala de aula é de extrema importância, seja para compreender a formação da literatura brasileira, que tem por sua base a portuguesa, seja para trazer às salas de aulas as reflexões sociais que José Saramago carrega como cerne de seus livros.

Assim, propomos inicialmente uma linha de trabalho continuado que leva a produção desse autor desde o Ensino Fundamental I até o Ensino médio. Esse *continuum* tem como objetivo estabelecer entre aluno e escritor um laço de afetividade e (re)conhecimento, isto é, impedir que os alunos só tomem consciência desse autor no seu Ensino Médio, em vez de já irem construindo uma relação com ele e sua obra. Sabemos o quão difícil pode ser para um jovem o seu primeiro contato com um romance de Saramago, com a primeira leitura da escrita saramaguiana, por isso, construir um caminho desde a formação inicial do estudante possibilita o estabelecimento de um laço afetivo com o autor e, assim, pode quebrar barreiras psicológicas sobre o “eu não vou conseguir ler um livro desse autor, ele é complicado”.

Porém, sabemos que o professor se depara com inúmeros desafios, dentro do seu trabalho educacional, que podem levar um projeto preparado em longo prazo para o escuro. Inclusive, pensar em um projeto literário saramaguiano, que precisa de uma continuidade, depende principalmente da escola, uma vez que o professor que está no Fundamental I dificilmente será o mesmo que estará no Fundamental II e mais ainda no Ensino Médio, assim, seria tarefa primeira da escola garantir que tal proposta faça parte do plano pedagógico de todo o corpo docente. Além disso, é preciso lembrar que alunos entram e saem de escolas a cada ano letivo, então o professor pode esbarrar com um aluno no Ensino Médio que fez o Ensino Fundamental em outra escola, assim, sendo impossível trazer a tona o percurso aqui sugerido. Dessa forma, diante desses desafios, pensaremos em cada etapa individualmente, de forma que o professor possa colocar em prática aquilo que lhe é realizável.

Portanto, apresentar uma linha a ser percorrida é para antes de tudo mostrar como é possível trazer para a educação básica, seja em que nível for, a presença literária de um autor tão caro e importante para a literatura lusófona e, porque não, brasileira. Nossos clássicos e canônicos escritores podem sim fazer parte do repertório literário de nossos alunos, desde o início de sua formação até os níveis mais avançados e completos.

## **2 – Desenvolvimento – O Projeto**

O percurso que propomos inicia no Fundamental I, segue pelo Fundamental II, até finalizar no Ensino Médio, pois, assim, podemos fazer surgir no aluno um laço de afetividade com o autor trabalhado. Para além da leitura dessas obras, o fundamental é que a atividade de ler ande de mãos dadas com a de escrever, uma vez que as duas juntas despertam o aluno para o meio de produção literária. Segundo ABRAMOVICH (1993), “O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatral, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo. Afinal tudo pode nascer de um texto!”. Ou seja, não podemos ignorar o que surge após a leitura, ao contrário, temos que estar atentos para saber o que é possível estimular no aluno.

Percebemos ao longo dos anos que a leitura vem sendo apresentada cada vez mais de forma maçante e isolada. O aluno passa a ler sozinho, em voz baixa, muitas vezes, fora do ambiente escolar, e não sobra tempo para discutir com os outros sobre o que leu, sobre suas impressões, sobre o que gostou e o que poderia ter sido diferente naquele livro. A partir dessa leitura, a escrita fica relegada a responder fichas de leituras, ou exercícios propostos pelo professor sobre quem é o personagem principal, qual o enredo do livro, o que aconteceu no final, perguntas essas feitas apenas para certificar-se de que o aluno leu o material. Logo, o estudante deve sair dessa posição de passividade, muitas vezes imposta a ele na sala de aula, de forma que o professor possa oferecer a

ele a possibilidade de escrever, possibilidade essa sem limites, colocando, assim, o aluno no centro da sua autonomia como ser ativo de conhecimento.

Diante disso, se pensarmos na taxionomia proposta por Bloom (1976) sobre o domínio cognitivo, nossos alunos podem, à medida que a aula for acontecendo, subir até seis degraus da pirâmide: conhecimento, compreensão, aplicação, análise, síntese e avaliação. Se levarmos em consideração o modelo de aula citado acima e que queremos transformar, esses estudantes não passariam do segundo nível, o da compreensão, e deixariam de alcançar níveis muito mais altos que poderiam ser alcançados de forma simples, bastando ter uma boa proposta de trabalho. É isso que apresentamos neste trabalho, uma forma de trazer para a escola um escritor significativo em nosso meio para despertar em nossos alunos o prazer pela leitura e escrita, o casamento que resulta em literatura.

É fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável “pensar certo” não é presente dos deuses, nem se acha nos guias de professores que iluminados escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo supera o ingênuo, tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (FREIRE, 1996, p.43).

## 2.1 – Ensino Fundamental I

Iniciamos o percurso saramaguiano na educação básica pelo Fundamental I, com o livro *A maior flor do mundo*, publicada em 2001 pela Companhia das Letrinhas, e com ilustrações de João Caetano. Nesse livro, Saramago apresenta aos seus leitores a história de um menino herói, morador de uma pequena aldeia, que se depara com uma flor murcha no topo de uma montanha. Sensibilizado e com o desejo de salvá-la, nosso protagonista embarca em uma viagem entre planetas longínquos e passa pelos rios mais férteis do mundo em busca de água para regar a flor. Finalmente, nosso menino herói alcança seu objetivo e, ao ser regada, a flor torna-se a maior flor do mundo. O menino é ovacionado por todos da aldeia, que viram nele uma grandeza maior do que seu próprio tamanho e do que qualquer outro tamanho.

Um dos aspectos mais interessantes desse livro é a estratégia que Saramago põe em ação. A história inicia da seguinte maneira:

As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples, porque as crianças, sendo pequenas, sabem poucas palavras e não gostam de usá-las complicadas. Quem me dera saber escrever essas histórias, mas nunca fui capaz de aprender, e tenho pena. Além de ser preciso saber escolher as palavras, faz falta um certo jeito de contar, uma maneira muito certa e muito explicada, uma paciência muito grande - e a mim falta-me pelo menos a paciência, do que peço desculpa. (SARAMAGO, 2001, p. 1 )

Notamos que aquele que deveria ser experiente e capacitado para o ato de escrever histórias, coloca-se numa posição diferente, uma vez que já inicia seu texto desculpando-se com seu leitor ao

dizer que não sabe contar histórias para crianças. Fazendo parte dessa estratégia, encontramos no final do livro o seguinte desfecho:

Este era o conto que eu queria contar. Tenho muita pena de não saber escrever histórias para crianças. Mas ao menos ficaram sabendo como a história seria, e poderão contá-la doutra maneira, com palavras mais simples do que as minhas, e talvez mais tarde venham a saber escrever histórias para as crianças... Quem sabe se um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lêes, mas muito mais bonita?... (SARAMAGO, 2001, p. 22-23)

Fica claro, a partir desse final, que a estratégia de Saramago é colocar-se numa posição que quebre com a estrutura consagrada de enunciador e enunciatário, ou seja, aqui não temos mais a prevalência de um enunciador que tem o poder da fala e um enunciatário que deve apenas ouvi-lo e absorver sua mensagem, pelo contrário, temos uma inversão, é um enunciador que se apresenta como aquele que não domina sua mensagem e que conclama seu enunciatário a sair da posição de passividade e assumir o local de fala.

Diante disso, torna-se de suma relevância trazer esse livro para a sala de aula de educação básica, no caso aqui proposto, para o ensino Fundamental I. É importante ressaltar que o professor é quem vai perceber qual a melhor série desse ciclo para aplicar esse livro e a atividade, uma vez que cada turma é dotada de suas especificidades, porém, podemos sugerir a aplicação em uma turma do 5º ano do Fundamental I.

Como o livro é curto, seria possível lê-lo inteiro em uma aula, assim, o professor pode preparar o ambiente que melhor lhe convier para a realização da leitura, como círculos no chão, em cadeiras, ou até mesmo dentro da biblioteca. A partir disso, podemos recordar o que Azevedo (2007, p. 71) nos propõe para a realização da atividade de leitura que seria dividida em três momentos: uma pré-leitura, que suscita a atenção do aluno e sua imaginação, ou seja, é o momento de convocar o aluno, incitá-lo a imaginar alguns pontos a partir de indagações feitas pelo professor como: “A partir do título, o que vocês acham que o texto vai falar?” Ao observar as imagens o que notamos?”. Depois, seguimos para o momento de leitura, em que o texto é lido e as estratégias de leitura são desenvolvidas, e a atenção se fixa na estruturação do texto e em sua linguagem. Por fim, na pós-leitura, as discussões são feitas, bem como as interpretações que poderiam ser retiradas a partir do texto, além de uma construção crítica sobre o foi lido.

Após o momento da leitura e da partilha do texto, o professor retoma o desfecho do livro e propõe que seus alunos sejam agora os autores de suas próprias histórias, ou seja, Saramago convida a todos para escreverem seu conto, agora com suas palavras e de um jeito muito mais bonito do que o que ele conseguiu fazer. O professor também pode deixar o aluno mais livre no processo de criação, isto é, ele pode criar personagens, novas aventuras, enfim, tudo o que ele

quiser que faça parte da sua história, afinal, ele é o autor. Lembramos ainda que todo escritor é antes de tudo um leitor, por isso as duas atividades devem caminhar juntas.

Com as histórias recebidas, o professor, juntamente com o apoio da escola e dos pais, pode reunir os textos e construir uma coletânea com essas histórias, criando, assim, um livro. Esse material poderá ser, então, lançado na escola, ou em outro lugar. Dessa forma, poderá haver a noite de lançamento do livro, a sessão de autógrafos, eventos esses que contribuirão para despertar ainda mais o domínio afetivo que Bloom (1972) já nos propunha, uma vez que o aluno passa pelas categorias de recepção (em que ainda é um ser passivo) chega à resposta (momento inicial de participação ativa), passa pela valorização e organização, e finaliza na caracterização (o indivíduo passa a ser identificado pela sua comunidade como um símbolo ou representante do valor que ele incorporou).

## 2.2 – Ensino Fundamental II

Após um primeiro contato com o autor José Saramago no ensino Fundamental I, podemos continuar esse trabalho, agora, no ensino Fundamental II, com o livro *O conto da ilha desconhecida*, publicado pela primeira vez em 1997, e que veio ao Brasil pela editora Companhia das Letras. O conto composto de 64 páginas traz a história de um homem que vai ao rei pedir um barco para que possa ir em busca de uma ilha desconhecida. O rei, depois de muito questioná-lo sobre essa ideia absurda de procurar uma ilha que ninguém sabe onde está, acaba por dar o barco, assim, o homem pode iniciar sua jornada.

E tu para que queres um barco, pode-se saber (...) Para ir à procura da ilha desconhecida, respondeu o homem, Que ilha desconhecida, perguntou o rei disfarçando o riso, como se tivesse na sua frente um louco varrido, dos que têm a mania das navegações, a quem não seria bom contrariar logo de entrada, A ilha desconhecida, repetiu o homem, Disparate, já não há ilhas desconhecidas, Quem foi que te disse, rei, que já não há ilhas desconhecidas, Estão todas nos mapas, Nos mapas só estão as ilhas conhecidas, E que ilha desconhecida é essa de que queres ir à procura, Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida, A quem ouviste tu falar dela, perguntou o rei, agora mais sério, A ninguém, Nesse caso, porque teimas em dizer que ela existe, Simplesmente porque é impossível que não exista uma ilha desconhecida. (SARAMAGO, 1997, p. 16-17)

Como esse livro é um pouco mais extenso para ser lido todo em uma só aula, o professor pode optar por lê-lo um pouco em cada aula, ou então solicitar que os alunos façam a leitura em casa, e reserve uma aula para fazer as discussões e as impressões do texto. O importante é que haja um momento e um espaço para o livro ser discutido e compartilhado entre toda a turma. Assim, após ser trabalhado o livro, o professor solicita aos alunos que se imaginem como esse homem que foi a porta do rei pedir um barco, e que, agora, estão em alto mar em busca de uma ilha desconhecida, e encontram-na. Como é, então, essa ilha que acabaram de descobrir? Vive alguém lá? Como é o povo que lá reside? O que comem? Que língua eles falam? Há elementos mágicos na

ilha? Enfim, é o momento de permitir que o aluno abra a imaginação e coloque-se na posição de um navegador e descobridor. Tudo isso o aluno deve transpassar para o papel, ou seja, eles irão escrever seu próprio conto. Tal atividade pode ser pensada para uma turma de 9º ano, por exemplo.

Assim como no nível anterior, neste também será de suma relevância a publicação de um livro contendo os textos da turma, bem como um pequeno evento para o lançamento dele, a fim de melhor valorizar o trabalho realizado pelos alunos, e possibilitar o alcance de níveis mais elevados do domínio afetivo, sempre o lado dos níveis do domínio cognitivo já alcançados.

### 2.3 – Ensino Médio

Já no ensino médio, o plano é que seja trabalhado um livro de maior extensão e de camadas mais profundas. No caso, o livro proposto é o *Ensaio sobre a lucidez*, publicado em 2004 pela Companhia das Letras. O romance trata de um local, não especificado, em que a maioria das pessoas, em um dia de eleição, decide por votar em branco. A partir de então, tanto a população eleitoreira, quanto os políticos, terão de lidar com essa situação. Assim, são muitas as camadas de leitura que o aluno irá descascar, muitas metáforas a descobrir e muitas alegorias a desvendar, principalmente a respeito do que é essa lucidez.

[...] Digamos que pôs a estopa e eu contribuí com o prego, e que a estopa e o prego juntos me autorizam a afirmar que o voto em branco é uma manifestação de cegueira tão destrutiva como a outra, Ou de lucidez, disse o ministro da justiça, Quê, perguntou o ministro do interior, que julgou ter ouvido mal, Disse que o voto em branco poderia ser apreciado como uma manifestação de lucidez por parte de quem o usou (...). (SARAMAGO, 2004, p.172).

Notamos que o enredo do livro é de suma importância a ser discutido dentro da sala de aula, uma vez que se é papel da escola também a cidadania, o que é mais cidadão do que o voto? Levando-se em consideração o cenário político pelo qual o Brasil vem passando nos últimos anos, esse assunto vem ao encontro das reflexões que a sociedade precisa trazer à tona. É interessante ainda lembrar que a partir dos 16 anos os nossos jovens já podem votar, ou seja, muitos dos alunos da 2ª ou da 3ª série do ensino médio já têm o direito de exercer essa atividade cidadã, por isso, tratar de tal assunto é relevante para conscientizá-los do papel e do poder que o voto pode ter.

Sabemos que um livro de mais de 300 páginas não terá condições de ser lido em sala de aula, por isso, é necessário pensar em alternativas outras, como solicitar que os alunos façam a leitura em casa. Para que isso não fique de uma maneira muito solta, seria interessante estabelecer prazos de discussões para que a leitura vá seguindo acompanhada de conversas, então, o professor pode combinar com a turma a leitura de determinados números de capítulos em um número x de dias, para então discutir tais capítulos num momento final da aula daquele dia, por exemplo. Assim, aos poucos o livro vai sendo trabalhado e as opiniões e impressões compartilhadas entre todos.

Ao final da leitura, o professor poderá solicitar que os alunos escrevam um conto em que tenha acontecido exatamente a mesma coisa de o *Ensaio sobre a lucidez*, porém o caminho e o desfecho desse lugar, criado pelos alunos, pode ter sido completamente diferente do que o que Saramago propôs na sua história. Assim, com esse exercício, nossos alunos poderão imaginar diversas perspectivas e possibilidades de fatos a partir de determinada postura dos eleitores em uma votação.

Assim como proposto nas unidades anteriores, ainda prevalece a ideia de reunir todos os contos e valorizar esses textos por meio da publicação de um livro. Além disso, é interessante pensar na possibilidade de realizar um evento para o lançamento desse livro, e nesse dia poderia haver palestras e movimentos sobre o voto, atividades essas que visem à conscientização dos alunos para esse exercício de cidadania.

### 3 – Outra Questão Contribuinte: A Interdisciplinaridade

A literatura de Saramago, como muito da literatura em geral, é interdisciplinar, isto é, ela não finca os pés somente nas salas de aulas de português, pelo contrário, ela passeia pelas mais diversas disciplinas, contribuindo e buscando contribuições dessas áreas diversas. E quando a literatura abraça outros domínios do conhecimento transporta o leitor para lugares que têm muito a acrescentar com sua formação.

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outro tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica... É ficar sabendo história, filosofia, política, sociologia, antropologia, etc. sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1997, p.17)

Se pensarmos em *A maior flor do mundo* (2001) é possível um trabalho conjunto entre a disciplina de língua portuguesa e a geografia, uma vez que o livro trata de uma flor, de preservação ambiental, planetas, rios férteis e mais alguns elementos que são pontos de questão na área da geografia. Inclusive, muitas escolas realizam hoje o dia do meio ambiente, porque não trabalhar essa história nesse evento? Porque não uma sessão de cinema com a exibição do filme de animação dirigido por Juan Pablo Etcheverry, em 2006, baseado no livro?

A geografia e a história podem ser convocadas durante a leitura de *O conto da ilha desconhecida* (1997), estudar o que é uma ilha, o que caracteriza uma ilha, o processo de descobrimentos de determinadas ilhas, colonização e exploração, podem andar junto com a literatura, enriquecendo ainda mais a discussão a ser trabalhada com os alunos de Ensino Fundamental II.

Por fim, mas não diferente, *Ensaio sobre a lucidez* (2004), convoca a disciplina de história para suas discussões, uma vez que entender a história do voto em nosso país é de suma importância

para que possamos valorizar ainda mais nosso voto. “Qual a primeira eleição ocorrida em nosso país? Quem podia votar inicialmente? Quando as mulheres puderam fazer parte? Em quais países o voto é obrigatório?”. Essas são apenas algumas das questões que as aulas de histórias irão poder contribuir para a reflexão de nosso livro e embasar nossos alunos na hora em que forem produzir seus próprios textos.

Dessa forma, podemos notar que a interdisciplinaridade contribui de forma expressiva para que os alunos possam alcançar níveis ainda mais elevados da taxionomia proposta por Bloom (1976) em consideração ao domínio cognitivo do aluno, uma vez que ao apreender determinado conteúdo e transportá-lo para outros meios e contextos, ampliam-se os horizontes e abrem-se novos caminhos a serem percorridos por esses sujeitos, agora, autônomos, que saem dos níveis iniciais de compreensão e conhecimento, e atingem os de maior autonomia como os de aplicação, análise, síntese e avaliação.

#### **4 – Considerações Finais**

A proposta apresentada neste trabalho tem por objetivo mostrar o quanto podemos aproveitar de nossos grandes autores ao incluí-los na educação básica de nossas crianças e jovens. Saramago apresenta-se assim como autor para todas as idades e níveis, que não está apenas inserido para um público adulto e de formação elevada, ao contrário, ele é acessível a todos, basta termos sensibilidade para direcionarmos as obras que melhor convém a cada nível educacional.

Além disso, a relação entre leitura e escrita coloca-se numa posição muito relevante para conduzirmos nossos alunos a um processo de aprendizagem dos níveis mais altos que podem acessar no que concerne ao domínio afetivo e cognitivo da taxonomia elaborada por Bloom (1972, 1976). É preciso colocar nossos alunos no centro da sala de aula, eles é que são os produtores de seus conhecimentos, o professor, como mediador, deve buscar práticas que auxiliem da melhor forma esse processo de aprendizagem, mas não pode, nunca, tomar o lugar do aluno, deve entregar a ele o lápis e deixá-lo construir suas próprias histórias.

#### **Referências Bibliográficas**

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Spicione 1993.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Spicione LTDA, 1997.
- AZEVEDO, Fernando. **Formar leitores: das teorias às práticas**. Lisboa: Lidel, 2007.
- BLOOM, Benjamin. **Taxionomia de objetivos educacionais: domínio cognitivo**. Porto Alegre. Globo, 1976.
- BLOOM, Benjamin. **Taxionomia de objetivos educacionais 2: domínio afetivo**. Porto Alegre. Globo, 1972.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo. Paz

e Terra, 1996.

SARAMAGO, José. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. **A maior flor do mundo**. Ilustrações de João Caetano. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2001.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.